

(IN) VISIBILIDADE SOCIAL: UM ESTUDO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA SOCIAL ACERCA DO TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO MUNICÍPIO DE CERRO LARGO/RS.

Louise de Lira Roedel Botelho¹
Luciana Scherer²
Rafael de Mello Pinheiro³
Jaqueline Lorenzet⁴

Resumo:

O presente estudo tem como objetivo fazer uma reflexão fenomenológica acerca da profissão dita como invisível social, o trabalho do catador de material reciclável. Através do seu trabalho, esses profissionais estão envolvidos no processo de manutenção, organização e limpeza da cidade, bem como impactando positivamente no processo de desenvolvimento econômico, pois caçam sua renda e em seguida articulam com as empresas compradoras dos materiais recicláveis. Logo, a sociedade não aceita e reconhece essa profissão. A invisibilidade social é discutida por poucos, e está atrelada a profissões que não dispõem de status e glamour. Pelo fato do trabalho do catador ser informar e estar trabalhando com o lixo, esses fatores contribuem para a invisibilidade social.

Palavras-chave: Invisibilidade Social; Fenomenologia; Catador de material reciclável; Desenvolvimento Local.

Introdução

Das muitas caracterizações da sociedade atual, a estratificação, a divisão e o acesso ao consumo podem ser destacadas. Dentre outras, essas criam diferenças entre os grupos que detêm poder, renda e atuam na formalidade em relação a aqueles que as margens desses processos. Não é possível desconsiderar a lógica capitalista em que os atores socioeconômicos estão inseridos, e portanto, algumas regras implícitas de reconhecimento giram em torno de lucro, renda, posições e condições financeiras, o que cria a situação em que os que não conseguem se inserir na lógica do capital e, conseqüentemente, não conseguem atender aos apelos que circundam a ótica consumista por ele imposta, serão entes socialmente invisíveis. Essa situação é caracterizada como invisibilidade social. No livro “Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social”, o psicólogo Fernando Braga da Costa conseguiu comprovar a existência da invisibilidade pública, por meio de uma mudança de personalidade. Costa vestiu

¹ Pós doutora em Engenharia e Gestão do conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina, docente adjunta II pela UFFS e docente do mestrado Desenvolvimento e Políticas Públicas da UFFS, campus Cerro Largo. E-mail: louisebotelho@gmail.com

² Doutoranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) e docente da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), campus Cerro Largo. E-mail: lucianascherer@yahoo.com.br

³ Acadêmico de Administração (UFFS), campus Cerro Largo-RS. E-mail: rafael.adm.mello@gmail.com.

⁴ Acadêmica de Administração (UFFS), campus Cerro Largo-RS. E-mail: jaquelorenzet@gmail.com

uniforme e trabalhou oito anos como gari na Universidade de São Paulo. Segundo ele, ao olhar da maioria, os trabalhadores braçais são “seres invisíveis, sem nome” (COSTA, 2004).

A invisibilidade social está relacionada a pessoas que desenvolvem profissões consideradas sem status, glamour, reconhecimento social e adequada remuneração, tais como lixeiros, garis, faxineiras, seguranças, frentistas, garçons, cobradores de ônibus e outras de caráter operacional (SOUZA, 2010; CELEGUIM, 2009). Ainda uma categoria em especial se vê estigmatizada por esse tipo de invisibilização social, tanto na ótica do consumo quanto no que se refere ao reconhecimento social: os catadores de material recicláveis (SOBRAL, 2009).

Os catadores são indivíduos que historicamente tiram do lixo seu sustento, seja através da coleta seletiva em grupo ou individual. Caçam seus materiais nas ruas e lixões. Os catadores realizam papel fundamental na implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). De modo geral, atuam nas incumbências da coleta seletiva, triagem, classificação, processamento e comercialização dos resíduos reutilizáveis, colaborando de forma significativa para o cuidado e desenvolvimento de cadeias produtivas da reciclagem (Ministério do Meio Ambiente)

Souza (2006) traz a ideia de que esses profissionais em geral são confundidos com moradores de rua, que são constituídos por homens, mulheres e crianças que todos os dias exploram o lixo em busca de algum material reaproveitável. Os catadores são os primeiros responsáveis de um complicado espaço econômico, entendidos como atores ambientais, ao longo de que seu trabalho tem um efeito de suavização e redução do desperdício da poluição e degradação do ambiente que o lixo produz (MAGERA, 2003).

Nesse sentido a análise da vulnerabilidade socioambiental traz uma imparcialidade no que tange seu entendimento isolado. A bibliografia com essa temática é escassa. Falar em vulnerabilidade é falar em interdisciplinaridade da construção epistemológica do conceito de vulnerabilidade, pois apesar dos avanços, vemos um esforço grande em refinar as variáveis do meio físico com recursos técnicos, enquanto que a dimensão social da vulnerabilidade quase sempre se refere à renda” (CEPAL, 2002; KATZMAN, 2000 apud OJIMA, 2012 p. 113).

Nesse contexto o trabalho tem como objetivo geral, identificar a profissão dita como invisível na visão do próprio catador, e como objetivos específicos busca; descrever a história de vida dos entrevistados, identificar maiores dificuldades da profissão dita como invisível e compreender na percepção deles o significado do trabalho de catador. Ademais, o estudo visa,

a partir dessa reflexão gerar conhecimentos sobre esse fenômeno, muitas vezes subjacente na sociedade e nas relações sociais, e a partir disso reconhecer a necessidade de reversão dessa realidade – a invisibilidade social - para que esses profissionais – catadores de materiais recicláveis – passem a figurar como um elo importante no processo de desenvolvimento local.

Para atender os objetivos desta pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, quanto a classificação preferiu-se fenomenológico, que para Pronadov (2013) significa preocupação em compreender o fenômeno como ele se apresenta na atualidade. Para manter o sigilo e ética na pesquisa, bem como a integridade e a moral dos investigados, eles foram identificados por números crescentes.

A estrutura do artigo dá-se pela seguinte forma: além da introdução e das considerações finais, apresentam-se as revisões bibliográficas, a contextualização do tema invisibilidade social, em seguida uma apresentação do universo da amostra dos investigados, a metodologia e então a análise dos dados.

1 Vulnerabilidade Social

Mann et al (1993) A definição de vulnerabilidade social começou a ser atribuído na área dos direitos humanos e mais tarde foi introduzido na área da saúde, com as atividades realizadas sobre AIDS na escola de saúde pública de Harvard. As primeiras questões destacavam dois grupos de visibilidade: Indivíduos que eram discriminados socialmente, como exemplo os homossexuais e usuários de drogas; e portador de AIDS (apud GUARESCHI, 2007).

Nos últimos anos, ocorreram várias mudanças no Brasil e no mundo, essas mudanças impulsionam questões socioeconômico cultural, que influenciam diretamente o processo de globalização da economia capitalista, e vêm afetando na performance e base familiar, acarretando mudanças em seu padrão tradicional e de organização (GOMES, 2004). O tema vulnerabilidade social não é novo, e é caracterizado por ser uma temática complexa e de difícil entendimento, embasado por diferentes concepções e várias faces que podem voltar-se para o prisma econômico, ambiental, de saúde e vários outros (MONTEIRO, 2011).

Guareschi (2007) Define que vulnerabilidade social é uma condição de desvantagem perante o acesso às situações de promoção e garantia dos direitos de cidadania de determinada população. No ponto de vista de Ayres (1999) A forma como é vista vulnerabilidade social, esta na ausência ou na falta de condições de acesso a bens materiais e bens de serviço que

possam satisfazer aquilo que pode tornar o indivíduo vulnerável. “Entender as vulnerabilidades e, claro, mensurá-las é o primeiro passo para relacionar os diversos aspectos de uma realidade complexa” (OJIMA 2012 p. 112).

Em média, pouca novidade parece surgir na construção de indicadores de vulnerabilidade social que sempre possa ser usada como base de características construtivas das habitações, acesso a saneamento básico, anos de estudo e principalmente uma renda domiciliar. (MARANDOLA JR; HOGAN, 2006 apud OJIMA, 2012).

O Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) trabalha com três dimensões: IVS de Infraestrutura urbana, IVS de capital humano e IVS de Renda e trabalho. Essas dimensões dizem respeito a grupo ativos, recursos ou estrutura, cujo acesso, a falta ou insuficiência indicam que o modelo de vida das famílias localiza-se baixa, refletindo sobre o não acesso e a não utilização dos direitos sociais. No ano de 2000 alguns municípios do Sul e do Sudeste do país, em especial o estado de São Paulo, concentravam-se as situações mais evidentes de baixa vulnerabilidade, em contra partida as faixas mais altas de vulnerabilidade social predominavam na maior parte do país. Dez anos depois, analisa-se um avanço significativo do aumento dos índices de vulnerabilidade social no país. Há uma permanência no quadro de dados com a concentração de municípios com taxa muito alta de vulnerabilidade social na região do Norte, nos estados do Acre, Amazonas, Pará, Amapá e Rondônia e no Nordeste em especial o estado do Maranhão, Alagoas e de Pernambuco (COSTA e MARGUTI, 2015).

1.1 VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICAS

Pedroso et al. (2010), trás a ideia de que existem alguns fatores específicos que são exemplos desse tipo de vulnerabilidade. Entre esses exemplos, sobressai a presença de recursos financeiros escassos, o desemprego e a baixa qualificação ou nível de escolaridade. Assim, no discurso econômico da atualidade, o que denomina-se a denominada “pobreza” está presente significativamente, sendo resultado de déficits socioeconômico que são impostos às sociedades em várias partes do mundo. Abordando a pobreza como um resultado do conjunto de necessidades básicas não atendidas, representa-se uma concepção complementar a da pobreza como insuficiência de renda, uma vez que identifica as famílias sujeitas a provação absoluta dos patamares mínimos, também normativos de bens e serviços (PEDROSO, 2010)

A ideia de vulnerabilidade social vem sendo utilizada por vários autores como

sinônimos de “precariedade”, “Fragilidade” e “risco social”. Muitas vezes atrelada a precariedade habitacional do qual o indivíduo encontra-se. A debilidade das moradias e a natureza dessas famílias podem ser entendidas como “moradias em condições precárias” de baixo padrão construtivo e os residentes como “famílias carentes”. A vulnerabilidade passa a ser compreendida a partir da exposição a riscos de diferentes naturezas, sejam eles econômicos, culturais ou sociais, que colocam diferentes desafios para seu enfrentamento logo, a ideia corresponde a uma predisposição. Portanto, pressupõe a eliminação do risco e substituir a vulnerabilidade, por força ou por resistência. Outro aspecto importante na concepção de vulnerabilidade social é que ela se constitui como um produto negativo da relação entre recursos simbólicos e materiais, de indivíduos ou grupos, e o acesso a oportunidades.

1.2 VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

O progresso da urbanização acarretou impactos sociais e ambientais com intenso reflexo na vida dos cidadãos brasileiros. De certa forma, o rápido avanço desse processo foi acompanhado por concentração de riquezas e aumento das desigualdades sociais. A ausência de interesse pela criação e implementação de políticas direcionadas para a temática da habitação popular, na maioria dos municípios gerou uma perturbação social de um déficit habitacional. Maior parte das zonas territoriais ocupadas pelas classes de baixa renda atingiu o ápice em ocupações subnormais. Dessa forma, colocou grande parte desses indivíduos em situações de risco pela probabilidade de acontecer enchentes, contaminação por poluentes, entre outros (YOUNG, 2009).

Ojima (2012) trás a reflexão de que os estudos da temática socioambiental passaram a ser elaborados com maior abrangência no Brasil através da inclusão de sistemas de informação geográficos, que em geral agregaram muito para a capacidade de sobrepor variáveis espaciais, geográficas, sociais e demográficas em uma escala intermunicipal. Outra questão importante e foi fundamental para grandes avanços no estudo foi a divulgação das informações dos setores censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Nesse sentido a análise da vulnerabilidade socioambiental trás uma imparcialidade no que tange seu entendimento isolado. A bibliografia com essa temática é escassa. Na sua maioria está interligada como subgrupos de outros aspectos -temas- como foi citado a cima nos subcapítulos. Ou seja, falar em vulnerabilidade é falar em interdisciplinaridade “da construção epistemológica do conceito de vulnerabilidade, pois apesar dos avanços, vemos

um esforço grande em refinar as variáveis do meio físico com recursos técnicos, enquanto que a dimensão social da vulnerabilidade quase sempre se refere à renda” (CEPAL, 2002; KATZMAN, 2000 apud OJIMA, 2012 p. 113).

2 Invisibilidade Social

O termo invisibilidade social é estudada e foi criada pela sociologia, onde define pessoas ou grupos a margem da sociedade, os problemas e a existência deles deixam de ser vistos pelas outras pessoas, tornando-os invisíveis. Pinheiro (2015) trás a ideia de que trabalhadores informais também são vítimas desse fenômeno, no qual, esse fato é um apanhado de várias situações, que atinge vários grupos sociais. CELEGUIM e ROESLER (2009) pontuam que

A Invisibilidade Social é um assunto relativamente novo e se relaciona à forma como são vistos os trabalhadores de profissões desprovidas de status, glamour, reconhecimento social e adequada remuneração. Isto numa sociedade onde o nível de consumo de bens materiais é o agente determinante do posicionamento de cada participante nas classes socioeconômicas conhecidas. (CELEGUIM e ROESLER, 2009, p. 1)

Com o surgimento de cidades globalizadas, é perceptível o reconhecimento de uma espécie de dualidade entre ricos e os pobres, o qual se apresenta na diferença entre a renda e condições de vida entre um pequeno número de trabalhadores qualificados e os de um parcela maior de pessoas qualificadas e não qualificadas com empregos precários (RODRÍGUEZ, 2012). Para Braga (2008), a invisibilidade é tão automatizada na sociedade que muitas vezes nem mesmo o próprio ser invisível se dá conta de sua infamante situação. Se ele se dá conta disso, necessita de armas para o combate. O invisível não tem voz e não é levado em consideração.

É justamente essa identidade, ocultada na percepção do outro, que remete-se a invisibilidade social. Quando a caminho de casa ou ao trabalho, passamos por um gari, mas não notamos pela sua totalidade singular. Ou como é o caso das donas de casa, que são babás e educadoras, porém não são remuneradas (JORDANE, 2011). A invisibilidade pública é entendida pelo efeito e a percepção das pessoas que são condicionadas à divisão social do trabalho, ou seja: nota-se somente a função e não a pessoa. Os sujeitos não são notados como seres transformadores e pensantes e sim como homens/máquinas (COSTA, 2004).

O sentimento de desprezo e o não reconhecimento de outras pessoas que podem originar a sensação de invisibilidade, pois:

Com efeito, múltiplos sentimentos estão ligados ao sentimento central de ser invisível para os outros: a vergonha, a paranoia, a impressão de insucesso pessoal, o isolamento, a clandestinidade. Em resumo, toda uma panóplia de emoções, sentidas por todos a um momento ou outro na vida quotidiana, une-se intimamente ao mundo amargo e silencioso da invisibilidade social. Podemos descobrir através deste termo um mundo social que se constrói segundo os preconceitos visuais e os olhares imaginários. (TOMÁS, 2006, p. 03).

Nesse aspecto, o trabalho informal, sem reconhecimento social e por trabalhar diretamente com a sujeita, são fatos que contribuem para que se tornem invisíveis na sociedade.

3 Catadores

O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) nasceu em 1999 com o 1º Encontro Nacional dos catadores de Materiais Recicláveis, o evento reuniu 1700 catadores em Brasília (MNCR, 2008). Em Março de 2006 o MNCR realizou uma caminhada até Brasília, encaminhando suas necessidades para o governo, pedindo a criação de postos de trabalho em associações e cooperativas. Essa caminhada tornou-se um marco histórico da luta dos catadores (MNCR, 2008).

Segundo Santos (2014), as atividades dos catadores em cooperativas e associações são recentes no Brasil. A forma mais comum de regularizar a profissão é através das associações e cooperativas. As associações são empresas que tem como finalidade a promoção e assistência social, educacional, cultural e lutam pela defesa de interesse das classes filantrópicas. Divergindo das cooperativas, que tem como principal objetivo a geração de renda, onde os proprietários são os associados e os beneficiários dos ganhos que eles próprios processam.

Os catadores são indivíduos que historicamente tiram do lixo seu sustento, seja através da coleta seletiva em grupo ou individual. Caçam seus materiais nas ruas e lixões. Os catadores realizam papel fundamental na implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS, 2010). De modo geral, atuam nas incumbências da coleta seletiva, triagem, classificação, processamento e comercialização dos resíduos reutilizáveis, colaborando de forma significativa para o cuidado e desenvolvimento de cadeias produtivas da reciclagem. (Ministério do Meio Ambiente).

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico realizado pelo IBGE (2000) no Brasil é coletado diariamente 125.281 mil toneladas de resíduos domiciliares, e 52,8% dos municípios brasileiros dispõem seus resíduos em lixões. Hoje se estima que 1 em cada 1000 cidadãos é um catador. Gonçalves (2004) pontua que esses profissionais coletam o

lixo determinando seu próprio ritmo de trabalho conforme seu posicionamento físico. Eles organizam-se a partir de uma divisão de trabalho conforme os produtos para venda, como por exemplo: ferro, alumínio, papelão, plástico, vidro. A remuneração é definida a partir da quantidade de material coletado e vendido aos interessados para a revenda.

Os coletores de rua são os maiores responsáveis por grande parte dos materiais recolhido e transportado em matéria-prima para as indústrias. Esses trabalhadores mantêm-se financeiramente da venda realizada pela coleta e separação desses materiais do tipo plástico, alumínio, papel, papelão vidro entre outros (LOBATO, 2010). Parreira, Oliveira e Lima (2009) defendem que a baixa produtividade nos empreendimentos associativos de reciclagem tem uma relação ligada ao recolhimento das associações, estabelecendo baixo rendimento da remuneração dos catadores. A receita das associações de catadores varia muito da comercialização dos materiais, conseqüentemente diminui os potenciais benefícios da reciclagem para o meio ambiente (OLIVEIRA e LIMA, 2009 apud LOBATO, 2010 p. 349).

Nesse contexto, Santos (2014) elenca vantagens do trabalho com associações ou cooperativas de catadores, são elas;

- Geração de emprego e renda;
- Inserção social dos catadores;
- Diminuição das despesas com os programas de reciclagem;
- Contribuição para o meio ambiente, diminuindo impactos ambientais através da coleta;
- Redução das despesas através da coleta, transparência e disposição final dos resíduos separados pelos próprios catadores;

O mesmo autor frisa que o trabalho dos catadores é de suma importância para o desenvolvimento local e sustentável da região a qual eles estão inseridos, visto que eles mantem-se financeiramente da venda dos materiais que eles coletam.

4 A Metodologia e a Fenomenologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se pela abordagem qualitativa, de acordo com Marconi e Lakatos (2010) a entrevista sendo feita face a face, favorece ao entrevistado a informação precisa, e é de cunho fenomenológico, pois busca compreender a trajetória dos investigados a partir do olhar das próprias entrevistadas.

O autor Gomes (1997, p.320) contribui que a pesquisa fenomenológica estuda a

maneira de vivência como experiência consciente. E também, o autor afirma que “a experiência consciente é um ato comunicativo de um corpo situado em um determinado ambiente. A mensagem que expressa traz a peculiaridade de um mundo vivido”.

Como afirma Andion (2003) o foco principal da fenomenologia é gerar dúvidas e questionamentos sobre as pressuposições incluídas em todo o pensamento habitual, é o que garante a exatidão do resultado da pesquisa. À vista disso, o objetivo primeiro da fenomenologia é a experiência humana, que procura descrever e interpretar com riqueza e profundidade.

Em relação as etapas da pesquisa, primeiramente foi definida a pergunta que norteou a pesquisa; **“Como dá-se a profissão dita como invisível na visão do próprio catador?”** Para respondê-la, buscou-se identificar alguém que tivesse interesse e disponibilidade para descrever o relato da sua vida, bem como sua trajetória na profissão de catador de material reciclável. Foi definido três catadores, o entrevistado Pedro, a entrevistada Ângela e a entrevistada Cassilda.

Essa definição foi adotada por conveniência, que se caracteriza pelo fato de que o pesquisador pode selecionar uma amostra da população que seja acessível, admitindo que de alguma forma isso represente o universo da pesquisa (PRONADOV, 2013).

Para coletar os dados, realizou-se a entrevista para detectar três pontos importantes. O primeiro ponto teve como objetivo elaborar e construir o contexto geral da trajetória de vida e profissional do investigado. O segundo momento buscou-se identificar os detalhes mais precisos da existência do trabalho deles a luz da sociedade sob a ótica do investigado. Alguns detalhes sobre o acesso a saúde, educação e leis também foram tratados. No terceiro momento, o centro foi o significado de gerar uma reflexão aos entrevistados, e que eles pudessem entender e verificar a importância e o significado dessa experiência para eles e para sociedade.

5 A Fenomenologia da (In)Visibilidade Social.

A Fenomenologia da (In) Visibilidade Social será abordada para relatar e analisar as vivências dos três atores sociais investigados nesse estudo. As suas expressões servem de ponto de partida para o conhecimento desse fenômeno, existente na percepção dos próprios invisíveis, mas nem sempre presente na consciência daqueles que não enxergam.

5.1 A VIVÊNCIA DE ÂNGELA

Ângela tem 37 anos, casada e mãe de três filhos é natural da cidade de São Paulo das Missões-RS, atualmente mora na cidade de Cerro Largo-RS. Começou a trabalhar com a catação de materiais recicláveis quando tinha 19 anos de idade, ficou mãe solteira, não tinha estudo e não tinha trabalho. No início começou a juntar com uma bicicleta pequena, comentou que tinha um pouco de vergonha quando começou, mas a vontade de ganhar dinheiro falou mais alto. “*Minha mãe me ajudou a comprar uma gaiota⁴ e foi aí que eu comecei mesmo*”. Inicialmente juntava só litros, mas aos poucos foi trabalhando mais e juntou dinheiro, até que conseguiu comprar um cavalo.

Ela começa suas atividades profissionais as 7:30 da manhã, retorna pra casa perto do meio dia, “*depois eu vou pra rua perto das 2 horas da tarde, e volto pra casa perto das 5 da tarde*”. Desde quando começou a trabalhar com a catação, até os dias de hoje, Ângela diz que muita coisa mudou “*Mudou tudo, antes parece que eles recolhiam mais coisa, bacia velha, caderno velho, revista velha, para-choque de carro, agora eles não recebem nada, além do mais antes os material era mais valorizado, era mais caro*”.

A trajetória profissional dela é marcada por desafios “*Aí uma vez eu fui pegar uns isopor e uns litrão que tava no lixo e uma senhora viu e ela falou assim, quem mandou tu mexer nos lixo? Ela me xingou mesmo, me senti ofendida*”. Ela comenta também que é bem normal as pessoas falarem “*olha lá uma guria juntando lixo. Xingam e te chamam na ralhada, quando a gente coleta na lixeira, porque tem alguns que fazem bagunça e acham q é todos nós. Quando não é os gatos e cachorros que fazem*”.

Ângela foi convidada a refletir sobre como as pessoas percebem o trabalho dela, “*Eu acho que a maioria das pessoas estão nos percebendo mais, por causa do colete, o colete ajudou bastante. Algumas pessoas tão deixando até material separado e com nome*”. Ela ainda complementa que após o colete fornecido pela cooperativa dos catadores, está sendo uma visibilidade maior no seu trabalho. “*As pessoas tão ajudando mais, uma vez eu tava passando na rua pra coletar, aí veio uma moça da rua de cima correndo e gritando, moça moça, tu aí do colete, eu tenho uns litro aqui*”.

A investigada é convidada mais uma vez a refletir se há reação das pessoas e como reagem diante do trabalho dela, ela reflete que “*tem vários tipos, umas não dão bola, uma vez eu ouvi uma mulher falando que semana passada passo uns gaiotero que rasgaram a sacola*

⁴ Pequena carroça de madeira, com duas rodas, puxada por um cavalo ou boi, bastante utilizada por agricultores no interior do Rio Grande do Sul e pelos catadores nas cidades gaúchas.

porque tavam esfomiado”.

Segundo a entrevistada, a região central é onde mais acontece esse tipo de evento, ela continua dizendo que, *“Aí uma vez atrás da igreja católica eu fui pegar uns isopor e uns litro que tava no lixo e uma senhora viu e ela falou assim, quem mandou tu mexer nos lixo?? ela me xingou mesmo. Eu disse assim, mas o lixo tá na rua senhora, eu sou uma recicladora. Aí ela respondeu, não quero saber, não é pra pegar o lixo e rasgar as sacolas, não é pra pegar o meu lixo”.*

Apesar dos desafios relatados, a entrevistada demonstrou entusiasmo e motivação ao responder todas as perguntas, além do mais demonstrou gostar muito do que faz, *“olha, eu sei que é um trabalho sujo, e que as pessoa não gosta muito, mas eu acho que represente coisas boas pra mim, eu gosto do meu trabalho, eu não ia me acertar com outras coisas, até já tentei mas não gostei, já trabalhei na padaria, eu gosto do meu trabalho”.*

5.2 A VIVÊNCIA DE PEDRO E CASSILDA

Pedro e Cassilda são naturais do município de Cerro Largo, tem três filhos e são casados a trinta anos. Cassilda comenta com alegria *“nós se conhecemos, trabalhando no antigo lixão, lá no morro do convento, começamos a conversar, nos conhecemos e já fazem 28 anos que estamos juntos, nunca mais se largamo, somos iguais chiclete”.* Eles catam todo o tipo de material, papelão, isopor, litros. Não tem um roteiro definido, e preferem exercer a atividade de catação durante a madrugada. Pedro complementa dizendo que, *“Eu gosto de sair de madrugada, a concorrência é menor, risos”.*

O entrevistado comentou que morou um tempo no estado do Mato Grosso, e lá trabalhava como pedreiro. Já a entrevistada, sempre trabalhou com catação, e que trabalhava no mutirão da prefeitura, *“o mutirão da prefeitura era um negócio que todo mundo ajudava na limpeza e na organização do lixão, e eu precisava trabalhar né, pra pagar água, luz e comprar comida pro meus piá que eram novinho, minha renda saí dali”.*

Quando começaram no trabalho de catação, até os dias de hoje, os entrevistados relatam que muita coisa mudou, Cassilda comenta que, *“mudou, sim, os materiais que as empresas recolhem são diferentes, tão menos valorizados, antigamente era bem mais. Mudou muita coisa, inclusive nós juntava comida, antigamente eu juntava batatinha, cenoura várias coisas, ninguém ficava sem comer. Quando nós tava no antigo lixão nós tirava até 5 carga cada um. Hoje quando muito uma carga”.* Pedro complementa ainda *“antigamente era pra*

se manter mesmo, juntar dinheiro pra pagar água, luz... agora nós temos uma chakra pra fora tudo isso com o dinheiro que nós juntamos do lixo”.

Os entrevistados foram convidados a refletir sobre como as pessoas percebem o trabalho deles, seu Pedro comenta que, *“é um trabalho digno, né? Eu acho que as pessoas olham o nosso trabalho com dignidade, é o mesmo que qualquer trabalho”*. Cassilda diz *“Ali no centro as mulheres gritavam lá pra nós não pegar os lixos, pra nós não rasgarem as sacolas”*.

Nesse sentido, os entrevistados foram convidados a refletir sobre suas trajetórias profissionais, e relatar se em algum momento sentiram alguma discriminação enquanto exerciam suas atividades profissionais, Cassilda responde *“olha... uma vez um promotor me falou assim, que era um trabalho digno e que eu não estava mexendo nada nas coisas de ninguém, não estou roubando e eu tiro a renda do meu trabalho.... Mas que eu saiba nunca sofri”*.

Os entrevistados analisaram e refletiram sobre as perguntas e suas respostas, seu Pedro comentou que, *“não mudaria nada no meu trabalho, gosto do jeito como ele é, mas se pudesse mudar, mudaria a forma como as pessoas tratam nós”*.

Conclusões

Os catadores de materiais recicláveis são exemplos de profissionais que trabalham diretamente com os Resíduos Sólidos Urbanos, popularmente chamados de lixo. Esses profissionais são responsáveis por coletar, triar e comercializar os materiais recicláveis, para que dessa forma consigam tirar seu sustento.

Através das falas dos entrevistados, fica evidente o amor e a paixão que eles têm pelo seu trabalho, mas eles não percebem o quanto o trabalho deles é importante, nem a sociedade tem essa percepção. Logo, eles também se identificam como invisíveis. Se a sociedade percebesse e reconhecesse o trabalho desses profissionais como atores e agentes ambientais, acarretaria impactos significativos, tanto no desenvolvimento local e regional como econômicos.

Um aspecto importante nas falas dos entrevistados relaciona-se com o significado do trabalho de catação de materiais recicláveis, para os catadores, apareceu, com grande relevância, imerso na ambiguidade: às vezes positivo, outras vezes negativo. Tentam colocar-se como trabalhadores dignos, mas sofrem com as pessoas abordando-os aos gritos para não rasgarem as sacolas nem bagunçarem o lixo. Assim, é importante salientar a importância da

implantação de sistemas de coletas seletivas que resgatem em seus objetivos varias ações educativas, e que haja uma ação participativa da sociedade em todas as fases da sua implantação. Nesse sentido, contribuindo para a coleta seletiva é contribuir com o desenvolvimento de uma economia mais justa e mais limpa, onde caberá à população separar os resíduos sólidos e os fornecer, voluntariamente, para os catadores que irão recolhê-los dentro do processo do sistema de coleta seletiva.

Pode-se concluir, dessa forma, que a invisibilidade social tanto é bastante latente para os catadores, tanto quanto pessoas como em relação ao seu trabalho e o papel desempenhado na sociedade. Muitas vezes as pessoas dirigem-se aos catadores para recomendar o que não devem fazer, como devem mexer no lixo, ou mesmo que não devem selecionar o lixo. Mesmo lixo, os residentes ainda tem a noção de propriedade, `meu´ e não reconhecem que estão desempenhando um ofício – de catador de resíduos sólidos, ou como agentes ambientais do ciclo de gestão de resíduos sólidos urbanos.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao CNPq pelo apoio aos pesquisadores envolvidos.

Referências

ANDION, Caroline. Ser ou estar gerente? Reflexões sobre a trajetória e o aprendizado gerenciais. **Revista de ciência em administração**. v. 5, n.09, jan/jul.2003 Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/185>>. Acesso em: 25 Jun. 2017

AYRES, Junior. R; et al. Vulnerabilidade e prevenção em tempo de AIDS In: PARKER, R. et al. **Sexualidade pelo avesso: Direitos, Identidades e Poder**. São Paulo: Editora 34, 1999.

CELEGUIM, Cristiane R. J. et al. A invisibilidade social no âmbito do trabalho. **Revista Científica da Faculdade das Américas**. São Paulo. v. 3 n.1, p. 1, 2009. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/18935497-A-invisibilidade-social-no-ambito-do-trabalho.html>>. Acesso em: 25 Jun. 2017

COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis: Relatos de uma Humilhação Social**. São Paulo: Editora Globo, 2004.

COSTA, Marco e MARGUTI, Bárbara. **Atlas da Vulnerabilidade Social nos Municípios Brasileiros**. Brasília: IPEA, 2015

COSTA, Fernando Braga da. **Moisés e Nilce**: Retrato biográficos de dois garís. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. 2008. 403f. Tese de Doutorado - Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GOMES, Mônica. A; Pereira, Maria. L.D. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciência e Saúde Coletiva** v.10 n2 CE, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a13v10n2.pdf>>. Acesso em: 25 Jun. 2017

GOMES, William. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. **Psicologia USP**. v.8, n.2 São Paulo, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000200015>. Acesso em: 25 Jun. 2017

GONÇALVES, Raquel S. **Catadores de materiais recicláveis**: trajetórias de vida, trabalho e saúde. 2004. 107 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz/Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/5344/2/625.pdf>>. Acesso em: 25 Jun. 2017

GUARESCHI, Neusa. M. F. et al. Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. RJ. 2007

JORDANE, Bárbara; et al. Os catadores de materiais recicláveis de Esmeraldas - Minas Gerais e sua relação com os resíduos publicitários, Minas Gerais, 2011 Disponível em: <http://www.revistapensar.com.br/comunicacao/pasta_upload/artigos/a32.pdf>. Acesso em: 25 Jun. 2017

LOBATO, Kelly Carla Dias; et.al. Caracterização e avaliação de processos de seleção de resíduos Sólidos urbanos por meio da técnica de mapeamento. **Eng. Sanit. Ambient.** v.15 n.4 out/dez 2010 p. 347-356 São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.abes-dn.org.br/publicacoes/engenharia/resaonline/v15n04/RESAv15n4_pg347-356.pdf>. Acesso em: 25 Jun. 2017.

MAGERA, Márcio. **Os empresários do Lixo**: um paradoxo da modernidade. Campinas, São Paulo: Átomo, 2003.

MARCONI, Maria; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/residuos-solidos/catadores-de-materiais-reciclaveis>. Acesso em: 24 de Junho de 2017

MONTEIRO, Simone. R. R. O Marco conceitual Vulnerabilidade Social. **Sociedade em debate** v.17 n.2. RS, 2011. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/view/695>>. Acesso em 23 de Junho 2017

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. **O que é o movimento?** Disponível em: <<http://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr>>. Acesso em: 24 de Março de 2017.

NICHIATA, Lucia. et al. A utilização do conceito “vulnerabilidade” pela enfermagem. **Revista Latino de enfermagem** v.16 n.5. AM. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v16n5/pt_20>. Acesso em: 20 Junho 2017

OJIMA, Ricardo. A vulnerabilidade socioambiental como conceito interdisciplinar: avanços e potencialidades para pensar mudanças ambientais. **Revista CRONOS**, Rio de Janeiro. v 13, n1,2012 . Disponível em < <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/5627>> Acesso em 25 de Junho de 2017

OLIVEIRA, Magda. L. F. A concepção explicativa do conceito de vulnerabilidade e a enfermagem. **Ciência Cuidado e saúde** v.12 n.4. PR.2013 Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude>>. Acesso em: 20 de Junho 2017

PEDROSO, Maria. L. R. et al. **A compreensão das vulnerabilidades sócio-econômicas no cenário da assistência de enfermagem pediátrica**. RS, 2010

PINHEIRO, Priscila T. et al. O cooperativismo e sua importância no processo de desinvisibilização social dos catadores de materiais recicláveis. **Revista Dialnet** v. 12 n. 40, p. 4, 2015 Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5460327.pdf>>. Acesso em: 25 de Junho 2017

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. Pesquisa Científica. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 25 de Junho 2017
RODRÍGUEZ, César. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 329-367.

SANTOS, Emanoele Magatão dos. **Saúde e segurança do trabalho na associação de catadores de materiais recicláveis de Balsa Nova/PR**. 2014. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014

SOBRAL, Natália Gomes et. al. Gênero e invisibilidade social entre catadores de materiais recicláveis de Campina Grande/PB. In: **Anais eletrônicos...II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais**. João Pessoa/PB, 26 a 28 de outubro de 2009.

SOUZA, Janete. **Invisibilidade Social**. 2010. Disponível em <<http://invisibilidadesocial2010.blogspot.com.br/2010/11/invisiveis-sociais.html>> Acesso em 24 de junho de 2017.

TOMÁS, Júlia Catarina de Sá Pinto. A invisibilidade social, uma perspectiva fenomenológica. In: VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA: MUNDOS SOCIAIS, SABERES E

PRÁTICAS. 285., 2006, Lisboa: PORTUGUAL, 2006. Disponível em:
<www.aps.pt/vicongresso/pdfs/285.pdf>. Acesso em: 25 de Junho de 2017.

YOUNG, Andreia. F. et al **Espaços de Vulnerabilidade Sócio-ambiental para a População da Baixada Santista**: identificação e análise das áreas críticas. 2009. Disponível em:
<http://www.nepo.unicamp.br/vulnerabilidade/admin/uploads/producoes/artigo_final_abep_06.PDF>. Acesso em: 20 Junho de 2017